

Viva a diferença



PATRICIA ROCHA



"Ímpar", de Marcelo Carneiro da Cunha, é um lançamento da Editora Projeto, com 134 páginas e preço de R\$ 16

Ímpar ou Par? A resposta do escritor Marcelo Carneiro da Cunha, 45 anos, está no título de seu último livro, Ímpar. Ele conta a história de Zóli, um guri que perde um braço em um acidente de carro e tem de reaprender a fazer tudo de jeito diferente. Porque ele, assim como a Bibiana que mancava e a Tula que não andava, não era melhor nem pior que ninguém. Era apenas um ímpar, como eles se chamam, tentando viver em um mundo de maioria par – onde se vê com os dois olhos, se caminha com duas pernas, se abraça com dois braços.

Mas lá pelo meio do livro, direcionado ao público infanto-juvenil, o leitor descobre que a pergunta "par ou ímpar?" não é fácil de responder. Quem está acima do peso, quem chora demais no cinema, quem não tem pais, todos podem ser ímpares. O próprio Marcelo, um par à primeira vista, tem seu lado ímpar, assim como os personagens do livro.

Revista ZH Donna - Como surgiu a idéia de *Ímpar*?

Marcelo Carneiro da Cunha - No ano passado, estava na praia e conheci um menino que não tinha um braço. Sensibilizou-me a perplexidade de um dia ser de um jeito e, de repente, de outro. Aquele medo de "como vai ser agora? E as meninas?". Nessa época, vi uma reportagem sobre meninos em uma clínica de fisioterapia dizendo que queriam oportunidades iguais. Era um discurso legal – nada de ter pena de si mesmo. Juntei as duas coisas: o encontro de um menino que passou por uma experiência transformadora com uma turma para cima.

Revista - Você descreve com familiaridade dificuldades cotidianas de quem é portador de deficiência física. Você pesquisou o assunto?

Marcelo - Até tentei, mas não houve tempo. Fiz experiências: segurava o braço para tentar fazer coisas. Jogo tênis e ficava imaginando como dar um saque com apenas um braço.

Revista - Como você avalia o tratamento de temas como esse na literatura?

Marcelo - Há o desejo de tratar da diferença, mas em geral é em livro infantil, com visão pedagógica ou social. Procuo fazer literatura. Não se pode botar o discurso adulto na boca de um garoto ou fica muito falso.

Revista - O que faz você se sentir ímpar?

Marcelo - Sempre me senti um bichinho da goiaba. Quando nasci, fui para São Francisco de Paula, depois para Caxias do Sul, onde era o guri de fora. Quando voltei a Porto Alegre, era o guri do Interior. Curtia futebol, mas sempre gostei de literatura e cinema – o que me fazia meio ímpar. As garotas queriam ficar com os guris bonitinhos que jogavam bola, e o esqui-tão intelectual não fazia sucesso. A sensação de minoria me acompanhou sempre, e espero que acompanhe a maior parte das pessoas. A gente faz pose de ser legal e durão, mas no íntimo todos têm um histórico um pouco ímpar.